



NANCY, JEAN-LUC. *LA COMMUNAUTÉ DÉSAVOUÉE* [A COMUNIDADE NEGADA]. PARIS: ÉDITIONS GALILÉE, 2014.

Davi Andrade Pimentel*

* davi_a_pimentel@yahoo.com.br
Doutor em Literatura Comparada pela UFF.

Após trinta anos, Jean-Luc Nancy responde a Maurice Blanchot através de seu recente livro publicado, *La Communauté désavouée*. Essa resposta tardia, como o próprio Nancy precisa, corresponde a uma primeira resposta de Blanchot, em *La Communauté inavouable* (1983), ao seu texto, “La Communauté désœuvrée”¹, publicado pela *Revista Aléa*, nº 04, em 1983. *La Communauté désavouée* se apresenta como uma resposta tardia, porém, uma resposta que esteve condicionada a uma interdição provinda não apenas da figura pessoal, literária e filosófica de Blanchot, mas, sobretudo, provinda da aproximação que se estabelecia entre a ideia de comunidade blanchotiana e a concepção política de Blanchot na década de 30 — período histórico-biográfico nebuloso

para os leitores e/ou estudiosos de Blanchot, bem como para o próprio escritor. Diz Nancy: “Sei que, primeiro, permaneci proibido, antes mesmo de começar mais ou menos a compreender que Blanchot me proibia – nos proibia, de permanecer no texto que eu tinha publicado.”².

Uma interdição jamais imposta literalmente por Blanchot, até mesmo porque o escritor, em uma carta dirigida a Roger Laporte, nos diz: “Deixar cada um se exprimir segundo sua responsabilidade.”³. O discurso pertence a todos, mas cabe a todos serem responsáveis por seu discurso. Blanchot, ao escrever *La Communauté inavouable*, deixa em aberto muitas questões essenciais à ideia de comunidade, como o próprio

1. O texto “La Communauté désœuvrée” ganhou uma segunda forma em 1986, passando a figurar como livro: *La Communauté désœuvrée*, editado por Christian Bourgois Editeur.

2. NANCY. *La Communauté désavouée*, p. 19. Todas as traduções das obras em francês citadas nesta resenha são de minha autoria.

3. BLANCHOT. “Lettre de Maurice Blanchot à Roger Laporte du 22 décembre 1984”, p. 47.

4. NANCY. *La Communauté désavouée*, p. 27-8.

5. NANCY. *La Communauté désavouée*, p. 35.

6. NANCY. *La Communauté désavouée*, p. 126.

Nancy reforça no segundo capítulo de seu livro, “Outre-politique”: “Blanchot não teria introduzido o motivo do comunismo para além de uma esfera literária e artística [...] e não teria, pois, verdadeiramente proposto ‘um pensamento da comunidade’.”⁴ Questões em aberto que, decerto, não correspondem a uma certa mudez dos estudiosos em relação ao texto blanchotiano sobre a comunidade. Nancy deixa entrever que a interdição que afetou muitos provém, principalmente, de um incômodo originado do posicionamento discursivo de Blanchot sobre a comunidade que muito se assemelha à posição política que tivera na década de 30. Escreve Nancy: “É nesse contexto que é preciso compreender *La Communauté inavouable*: não, evidentemente, no contexto dos anos 1930 (ao menos, não diretamente, como veremos), mas naquele dos anos 1980, que era novamente – aliás, em tudo igual aos anos 30 – aquele de um desencantamento profundo da democracia.”⁵.

Ou seja, uma interdição da ordem do *respeito* pelo Blanchot relacionado aos movimentos de esquerda, “que, aliás, tem para ele vários testemunhos irrecusáveis, em particular o *Manifesto dos 121* em 1960”⁶, em detrimento de um certo Blanchot atrelado aos movimentos de extrema-direita dos anos 30. Respeito esse que fez com que *La Communauté inavouable* fosse muitas vezes citada, mas pouquíssimas vezes analisada, sobretudo, por se tratar de um tema que nunca deixou de nos obsedar: o tema da comunidade. *Comunidade* — palavra que, segundo

os dois autores, pelo excesso de sua utilização e pela maneira caótica e oportunista com que muitos a empregaram, caiu em descrença, senão, em desuso, em um espaço onde o consumismo, a cifra e a desigualdade nos regem politicamente. Como o pensamento da comunidade pode subsistir em um meio no qual a ideia de consumo é maior do que a ideia de homem? Não se trata mais uma vez em apontar as mentiras, os erros e as desproporções que se acumularam ao longo dos anos na ideia de comunidade, principalmente quando do declínio da potência que se qualificava de soviética e dos grupos hippies que se extinguíram largamente quando das mudanças econômicas e geopolíticas da década de 80.

Como bem reflete Nancy, não se trata também em dizer quem traiu ou quem foi traído ao apostar em uma ideia de comunidade. Trata-se, a bem da verdade, de questionar e refletir atualmente a própria definição de comunidade, de comum e de *relação com*: “Tratava-se de interrogar o sentido ou o teor de uma palavra tal como ‘comunidade’, que não propunha substancialmente nada além de ‘comunismo’, sem o descrédito político em que essa última tinha caído”⁷. *Comum*, como define Nancy, em seu primeiro capítulo, “*La communauté, le nombre*”, é a condição mais simples e essencial do ser — entendido como ser singular, e não individual. O comum proporciona a *relação com/ exposição ao* outro, *relação com* a palavra, com a possível intimidade do outro, por mais que essa intimidade se configure a partir de uma

7. NANCY. *La Communauté désavouée*, p. 15.

relação sem relação, de uma relação impossível, uma vez que seres singulares não ocupam o mesmo espaço, mas se tocam, se chocam, como os átomos, na necessária construção do mundo e das múltiplas relações: “Por *comum*, é preciso entender, ao mesmo tempo, o banal, ou seja, o elemento de uma igualdade primordial e irreduzível a todo efeito de distinção, e – indiscernivelmente – o partilhado, ou seja, o que somente tem lugar na relação, por ela e como ela”⁸.

Pela definição levantada por Nancy sobre a palavra *comum*, entende-se que não há e nunca houve comunidade. Não podemos igualar a noção de comunidade com a noção de sociedade. A comunidade não gera um produto, não se baseia em hierarquias, e nem mesmo se propõe a produzir com o objetivo comercial, pois o lucro define qualquer pretensão de *relação com*. Na comunidade, as funções preservariam a igualdade dos membros, a livre relação sem relação, relação obsedante exatamente por ser (im)possível e (des)necessária: “Um comum sem o qual nenhum isolamento nem nenhuma separação teriam lugar.”⁹. Essa ideia do comum aproxima mais uma vez Blanchot e Nancy: “O comunismo segundo Blanchot, no sentido de ‘o que exclui (e se exclui de) toda comunidade já constituída’, estava presente em meu ensaio”¹⁰. Contudo, uma questão os afasta. Segundo Nancy, essa questão é Georges Bataille: “Sem nenhuma dúvida, ele desaprovou a maneira como eu tinha lido Bataille.”¹¹.

Por sua definição sempre evasiva de comunidade, que segue uma linha, como pontua Nancy, mítica, ou melhor, para além-do-mito — “a verdadeira comunidade [...] não deve ser separada de uma dimensão divina ou mítica (divina no sentido mítico)”¹² — em que a mulher, em contraposição ao homem, é aquela que se doa, que se expõe e que se sacrifica ao outro, como se sacrificaria miticamente a comunidade aos seus membros e estes à comunidade, Blanchot, em sua leitura da comunidade, se cerca do Bataille dos anos 30, aquele da comunidade dos amantes, dos seres que se exporiam um ao outro em uma tentativa de fusão, de sacrifício fundador, de uma comunhão verdadeira, em uma homogeneidade que os exporia à morte. Esse mesmo Bataille é aquele que se viu criticado por suas declarações sobre o fascismo, aquele que se viu fracassado ao se dar conta de que a fusão e o sacrifício se comprovavam como impossíveis, ou melhor, como uma comédia. Um dos motivos pelos quais Nancy negligencia o Bataille de “*Contre-attaque* puis d’*Acéphale*”, ao optar pelo Bataille dos anos 50, se deve exatamente à proposta de comunhão e de homogeneidade da ideia bataillana de comunidade: “eu não aceitava que aquela [a comunidade] estivesse limitada aos amantes e que finalmente a sociedade estivesse condenada à ordem do que ele [Bataille] tinha nomeado ‘o homogêneo’, e assim privada da irrupção da alteridade e do ‘sentido de um para além do indivíduo sozinho’”¹³.

8. NANCY. *La Communauté désavouée*, p. 11-2.

9. NANCY. *La Communauté désavouée*, p. 152.

10. NANCY. *La Communauté désavouée*, p. 27.

11. NANCY. *La Communauté désavouée*, p. 30.

12. NANCY. *La Communauté désavouée*, p. 88.

13. NANCY. *La Communauté désavouée*, p. 31-2.

14. NANCY. *La Communauté désœuvrée*, p. 71.

A homogeneidade interditar de maneira mais severa a singularidade do ser, pois o ser sem sua singularidade não pode se *relacionar com* o outro ser singular e, assim, manter com o outro uma relação de presença e ausência, como nos faz refletir Nancy, em *La Communauté désœuvrée*: “A comunidade significa, desse modo, que não existe ser singular sem um outro ser singular.”¹⁴. Caso a “comunidade dos amantes” se efetivasse, seríamos tragados por uma imanência perigosa que logo se transformaria em um totalitarismo sem precedentes. Ao aderir ao Bataille dos anos 30, Blanchot assume o risco de estar mais uma vez envolto em acusações sobre a sua tomada de posição política dos anos que antecederam a segunda grande guerra — e nesse ponto se destaca a reserva e o incômodo de muitos estudiosos. Todavia, Blanchot assume a responsabilidade e, principalmente, o risco na defesa de suas ideias sobre a comunidade.

Na verdade, Blanchot se aproxima das ideias de Bataille sobre a “comunidade dos amantes” — leia-se, das ideias do sacrifício, do abandono e do erotismo — para afirmar que esses movimentos de doação completa, e porque não, de perdição e de abandono total ao outro, podem ser vislumbrados e comprovados na escrita literária; não por menos, Blanchot, na segunda parte de seu livro, intitulada “La communauté des amants”, faz da narrativa de Marguerite Duras, *La maladie de la mort*, a afirmação de sua ideia, evasiva, volto a dizer, de comunidade. É certo que na escrita de Bataille

podemos vislumbrar um êxtase de seres mortais partilhando de sua mortalidade, se comunicando, se abandonando um ao outro, comunicação que se faz necessária na construção da comunidade, mas é certo, também, que essa escrita se encontra dilacerada por sua impossibilidade de comunicar a fusão completa dos amantes, o sacrifício fundador.

De acordo com Nancy, em seu terceiro capítulo, “Le cœur ou la loi”, é nesse espaço de impossibilidade da escrita bataillana que Blanchot vislumbra a possibilidade exata de se transmitir o intransmissível da entrega completa do ser — o ser feminino — ao abandono, ao mais além-da-morte, a um espaço para além-do-mito, onde uma ideia de comunidade — uma comunidade espiritual, feminina, elevada e mística — poderia se fazer presente: “A transmissão do intransmissível – pode-se dizer: a obra da não-obra – constitui a força fundamental da proposta de Blanchot e, sem dúvida, o teor último do ‘inconfessável’, na medida em que ele se confessa enquanto tal.”¹⁵. Onde Bataille entrevê a impossibilidade, Blanchot entrevê e nos entrega, como diz Nancy, o seu livro, a sua comunidade inconfessável. Para Blanchot, é por meio da escrita que a verdadeira comunidade pode ser pensada e dialogada: “a partilha da comunidade, enquanto não-obra, somente pode ter lugar ‘na última comunicação que doravante convenha e que passe pelo inconveniente literário’”¹⁶.

15. NANCY. *La Communauté désavouée*, p. 49.

16. NANCY. *La Communauté désavouée*, p. 51.

Em seu quarto capítulo, “La communauté consommée”, dedicado à leitura da segunda parte de *La Communauté inavouable*, Nancy nos lembra que a comunidade blanchotiana tem como reflexo, ou modo de construção, o movimento de *Mai de 68* que ocorreu em Paris, em que os seres que ali estavam *em combate* nada combatiam, eles, segundo as próprias palavras de Blanchot retomadas por Nancy, *nada faziam*. E esse nada fazer, esse nada produzir, essa presença que, na verdade, era uma ausência, que invadia o espaço parisiense em sua despojada ausência, pode ser considerado como o exemplo de uma comunidade real para Blanchot. Uma comunidade da ordem do “nem... nem”, do “neutro”, da “ambiguidade”, “da não-dialética” e do “mito” — esses temas elencados são próprios do pensamento blanchotiano sobre literatura, por isso a certeza de Nancy ao afirmar que Blanchot não propôs verdadeiramente um pensamento sobre a comunidade, pois esse pensamento estava, por assim dizer, restrito a um pensamento artístico e literário, e não efetivo, nem prático: “Ao mesmo tempo, esse recurso significa que o pensamento blanchotiano da literatura e aquele da comunidade estão, sobretudo, estreitamente imbricados: talvez eles sejam essencialmente o mesmo”¹⁷.

Segundo Blanchot, em “La communauté des amants”, Duras nos apresenta uma comunidade de dois, de dois amantes, um homem e uma mulher, ela que pertence a um gozo

primordial e ele que está fora desse gozo, uma virilidade afastada. Ela que, por seu sexo, apresenta a escuridão da noite, bem como o prazer e a morte. Ele que, mesmo a tocando, permanece distante. Ela se doa, ele não: “Até essa noite, você não tinha compreendido como se podia ignorar o que viam os olhos, o que tocam as mãos, o que toca o corpo. Você descobre essa ignorância.”¹⁸. Ela se oferece, como um corpo místico ou como o próprio Cristo, ao seu discípulo, mas ele nada compreende: “esse corpo sensível ofertado possui a realidade mística, a feminilidade supraessencial de um sujeito ausente a ele próprio e ao outro em seu dom, como seu dom – sua comunicação.”¹⁹. Somente ela consegue realmente se abandonar — um sacrifício fundamental, sagrado. Ela, ao se abandonar, entrega a ele o inconfessável da verdadeira comunidade. Comunidade que se elabora a partir da paixão, não do amor, pois a paixão é o excesso, é a entrega absoluta, a exposição final do corpo até o seu desaparecimento.

Contudo, Blanchot não levou em consideração que não há homem e mulher, mas homens e mulheres; não há apenas dois sexos, mas múltiplos sexos; e não há a mulher que se abandona e o homem que não se abandona. Nancy, em seu quinto e último capítulo, “Essentiellement ce qui échappe”, diz: “O condicionamento mítico corre o risco de fazer esquecer um dado elementar da sexualidade [...] Existe uma bissexualidade que redivide a divisão sexual.”²⁰. O aspecto mítico e evasivo da

17. NANCY. *La Communauté désavouée*, p. 134.

18. DURAS. *La maladie de la mort*, p. 22.

19. NANCY. *La Communauté désavouée*, p. 111.

20. NANCY. *La Communauté désavouée*, p. 148-9.

21. NANCY. *La Communauté désavouée*, p. 140-1.

22. NANCY. *La Communauté désavouée*, p. 159.

23. NANCY. *La Communauté désœuvrée*, p. 71.

comunidade proposta por Blanchot acaba por negar a própria noção de comunidade. Daí a palavra *negada* presente no título do livro de Nancy: “Dessa maneira, evasiva na medida em que ela não fixa nem conceito nem figura de uma entidade comunitária, a comunidade permanece, ao mesmo tempo, eludida numa inconfissão-negada e, no entanto, realizada como um dom sem retorno”²¹. Ao abandono irremediável, à separação dos amantes por um infinito que perdura entre os seres, ao si solitário, Nancy nos lembra que, antes mesmo de um pensamento sobre a comunidade, nós somos constituídos sempre em *relação com* — uma relação imemorial que nos antecipa e que tanto nos *ata* quanto nos *desata* do outro: “A relação precede, constitui e acompanha as singularidades. É como testemunham em primeiríssimo lugar o sexo e a palavra.”²².

Ao responder a Maurice Blanchot, Jean-Luc Nancy não fecha ou interrompe o diálogo, o autor, ao contrário, deixa o diálogo sobre a comunidade em aberto, um diálogo sempre por vir, vindo: “Nós somente podemos ir mais longe.”²³.

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. **La Communauté inavouable**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1983.

BLANCHOT, Maurice. Lettre de Maurice Blanchot à Roger Laporte du 22 décembre 1984. In: NANCY, Jean-Luc. **Maurice Blanchot – passion politique**. Paris: Éditions Galilée, 2011. p. 45-61.

DURAS, Marguerite. **La maladie de la mort**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1982.

NANCY, Jean-Luc. **La Communauté désœuvrée**. Paris: Christian Bourgois Éditeur, 2004.

NANCY, Jean-Luc. **La Communauté désavouée**. Paris: Éditions Galilée, 2014.